



DA REVISÃO À INTERVENÇÃO: O futebol de cinco na escola

SILVA, Girlene Santana da ¹
CRUZ, José Paulo Nogueira Santos da ²
JESUS, Diego dos Santos de ³
QUADROS, Teresa Maria Bianchini de ⁴

RESUMO: O estudo aborda a inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de educação física, focando na superação da lógica do rendimento esportivo. O objetivo foi analisar a potencialidade do futebol de cinco como proposta pedagógica, utilizando a experiência mediada pelo PIBID como o elo fundamental de transição entre a pesquisa bibliográfica e a intervenção docente no contexto da Educação Física escolar. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa de natureza interventiva, fundamentada na observação da prática docente e na aplicação de estratégias didáticas inclusivas. Os procedimentos envolveram o diagnóstico da realidade escolar e a execução de uma aula prática com vinte e cinco alunos de uma turma do oitavo ano. Observamos que a utilização da bola com guizo e o silenciamento do campo promoveram uma transição do olhar para o ouvir, estabelecendo redes de comunicação sociomotora. Analisamos que a atividade desconstruiu a visão da deficiência como limitação, transformando o erro em processo de aprendizagem e a técnica tradicional em cooperação coletiva. Verificamos que a avaliação formativa, focada na participação e não no desempenho técnico, permitiu que os estudantes vivenciassem uma condição de igualdade sensorial. Os resultados indicam que o futebol de cinco funciona como um dispositivo pedagógico capaz de reorganizar a cultura esportiva escolar sob princípios inclusivos. A experiência demonstrou que a inclusão efetiva pode ocorrer quando a estrutura do sistema é transformada para valorizar a diversidade e a autonomia dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: pibid; propostas pedagógicas; inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho expressa a continuidade do artigo intitulado “Esporte de invasão e inclusão de deficientes visuais: promovendo a diversidade no futsal” Silva, Cruz e Taffarel (2024), a partir dos fundamentos legais da educação inclusiva

¹ Graduanda em Licenciatura em Educação Física, Bolsista PIBID, UFRB, *Campus* Centro de Formação de Professores -CFP/UFRB, girllenesantana@gmail.com.

² Graduando em Licenciatura em Educação Física, Bolsista PIBID, UFRB, *Campus* Centro de Formação de Professores -CFP/UFRB, njosepaulo839@gmail.com.

³ Mestrando em Educação Física, Professor da Educação Básica, Supervisor do PIBID, CAPES, SEMED, AMARGOSA, diegosantos@edu.amargosa.ba.gov.br.

⁴ Doutora em Medicina e Saúde, Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Educação Física, coordenadora do PIBID, CAPES, UFRB, CFP, tetemb@ufrb.edu.br.



e da perspectiva da Educação Física escolar. Na escrita anterior, notou-se que, ainda que existam Leis que assegurem os direitos da pessoa com deficiência e o direito à escolarização, bem como a plena participação em todas as atividades pedagógicas, a concretização desse direito nas aulas de Educação Física ainda se mostra tensionada por entraves estruturais e formativos. Destacou-se ainda que, o futsal enquanto prática hegemônica no contexto escolar, reproduz a lógica do rendimento, da hierarquização de habilidades corporais, a padronização das técnicas, limitando assim, a participação de estudantes com deficiência visual. O estudo anterior trata-se de uma revisão teórica, a partir de uma problematização por meio de análises conceituais, sem aprofundamento na formação docente e as estratégias pedagógicas que possibilitassem a reorganização da prática esportiva dentro da escola. A identificação desta lacuna, compõe a principal justificativa do presente estudo e a necessidade de avançar, redirecionando o debate da garantia do direito para a efetivação material da inclusão.

Mais especificamente, vamos para além da compreensão deste esporte como adaptação do futsal convencional, o estudo denota esta modalidade como possibilidades pedagógicas para o ensino dos esportes de invasão. Orientação espacial, comunicação, percepção auditiva e cooperação, são elementos priore nesta modalidade, o que tensiona a centralidade da visão como critério dominante de competência para o esporte, ampliando as possibilidades de participação de todos. Para tanto, busca-se desenvolver e aplicar uma proposta interventiva com estratégias didáticas inclusivas, e refletir sobre os impactos dessa intervenção na ampliação das formas de participação, cooperação e aprendizagem dentro do contexto escolar.

O presente trabalho se organiza numa metodologia qualitativa de caráter interventivo, onde se fundamenta na observação da prática docente, na sistematização de propostas didáticas inclusivas e na aplicação de aula voltada para a inclusão. A intervenção proposta envolveu planejamento estratégico com atividades progressivas, utilização da bola com guizo como recurso sonoro, redefinição do espaço, reorganização da dinâmica de jogo e implementação da avaliação formativa no processo de aprendizagem, indo além do desempenho técnico.

Ao pensar o futebol de cinco como ensino estruturado, o estudo defende que a inclusão deve ir além de um simples ajuste pontual ou uma estratégia



compensatória, mas como princípio organizador. Diante do exposto, o futebol de cinco se torna um dispositivo pedagógico que provoca uma saída da zona de conforto daquilo que conhecemos da cultura esportiva escolar, proporcionando experiências as quais valorizem a cooperação, o respeito às diferenças e amplia as diferentes formas de participação.

Assim, a presente pesquisa traz como objetivo, analisar a potencialidade do futebol de cinco como proposta pedagógica, utilizando a experiência mediada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como o elo fundamental de transição entre a pesquisa bibliográfica e a intervenção docente no contexto da Educação Física escolar.

Em síntese, o presente trabalho se torna um gatilho importante para consolidar o debate sobre a inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física. Contudo, Silva, Cruz e Taffarel (2024) após problematizar os fundamentos legais e conceituais da inclusão no futebol de cinco, continuam nesta linha de estudos, propondo a materialização por meio da sistematização do futebol de cinco no contexto escolar. Defende-se que apenas por meio desta articulação entre base normativa, reflexão crítica e prática pedagógica, será possível modificar o futebol escolar tradicional, em prática que garanta os direitos e produção de experiências inclusivas significativas. Diante do exposto, espera-se indagar como o futebol de cinco pode estruturar uma nova organização pedagógica dos esportes de invasão na escola.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é um estudo com abordagem qualitativa e de natureza interventiva. As características da pesquisa qualitativa nos são dadas pelos autores Lakatos e Marconi (2011) salientando que:

Para ser caracterizado como pesquisa qualitativa, precisa ser descritiva, analisar os dados de forma intuitiva, enfatizar o significado, possuir uma fonte de dados em um ambiente natural e se preocupar também com o processo e não apenas com os resultados e o produto (LAKATOS; MARCONI, 2011).



Além disso, a pesquisa possui caráter interventivo onde se fundamenta na observação da prática docente, na sistematização de propostas didáticas inclusivas e na aplicação de aula voltada para a inclusão. O ciclo metodológico compreende o diagnóstico da realidade dos alunos, o planejamento e a execução da proposta interventiva e, por fim, a análise reflexiva sobre os impactos gerados na dinâmica do esporte adaptado. A proposta não se restringiu apenas para a observação do fenômeno enquanto esporte, mas sim, propor uma ação prática no contexto estudado.

Uma partida de futebol de cinco seguindo as normas da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) é exclusiva para cegos ou deficientes visuais. Normalmente as partidas, são em quadra de futsal adaptada, mas, desde os Jogos Paralímpicos de Atenas 2004, também têm sido praticadas em campos de grama sintética. O goleiro é o único com visão total e não pode ter participado de competições oficiais da Fifa nos últimos cinco anos. Junto às linhas laterais, são colocadas proteções que impedem que a bola saia do campo. Cada time é formado por cinco jogadores, sendo um goleiro e quatro na linha. Diferentemente de um estádio convencional de futebol, as partidas de futebol de cegos são silenciosas, em locais sem eco. O jogo é dividido em dois tempos de 15 minutos, com 10 minutos de intervalo. A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. Os jogadores usam uma venda nos olhos e, se tocá-la, é falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído por outro jogador. Há, ainda, um guia (chamador) que fica atrás do gol adversário para orientar os atletas do seu time. Ele diz onde os jogadores devem se posicionar em campo e para onde devem chutar. O técnico e o goleiro também auxiliam em quadra.

Assim, a proposta foi adaptada, estruturada e realizada em três momentos: iniciamos com uma roda de conversa sobre a inclusão, acessibilidade, respeito, atividades adaptadas nas aulas de educação física e em especial o futebol de cinco. O objetivo foi a desconstrução da visão da deficiência como limitação, focando na adaptação das capacidades sensoriais.

Os alunos foram divididos em duplas para realizar a exploração do espaço e percepção dos objetos a serem utilizados. Um de cada dupla usava a venda e o outro conduzia o colega pelo espaço, no intuito de se adaptar ao espaço proposto. Ambos realizaram a mesma dinâmica.



Ao finalizar a exploração do espaço, os alunos foram orientados a realizar condução da bola vendados e utilizando um barbante esticado de uma trave a outra como guia, ao final em local demarcado os alunos eram orientados a chutar a bola para o gol.

Por fim, foram montados cinco times, os goleiros dos times eram os únicos a não usarem vendas, os quatros jogadores da linha eram vendados. A bola utilizada na atividade possuía guizo como recurso sonoro, os alunos foram orientados a fazerem silêncio para facilitar na escuta do som emitido pela bola. O jogo possuía regras, onde era proibido tocar a venda durante o jogo, e cada partida com duração de dez minutos. A atividade foi finalizada com discussão acerca do que foi trabalhado, onde os alunos refletiram sobre o que haviam realizado.

A pesquisa foi organizada e realizada em fases, onde para levantamento de dados foram analisados: Silva, Cruz e Taffarel (2024); Lakatos e Marconi (2011); Mantoan (2003); Nóvoa (2022); e, Parlebas (2001). Tais trabalhos foram selecionados em livros, anais, artigos e revistas.

Os descritores de procura para os trabalhos foram: formação docente; formação inicial; formação continuada; estratégias pedagógicas; e, atividades pedagógicas. Os trabalhos selecionados são publicações de maior relação referente ao tema do estudo. Após realizarmos a seleção, foi feita leitura completa dos trabalhos referenciados utilizados como fonte de dados. Por fim, analisou-se e discutiu-se os dados obtidos para conclusão da pesquisa, no intuito de responder ao problema de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos a formação docente através do ponto de vista de Nóvoa (2022), notamos que a dicotomia entre o saber acadêmico e o fazer técnico ainda se manifesta de forma oculta na escola, principalmente quando o tema é a inclusão. Após analisarmos, nota-se que a inclusão de alunos com deficiência não pode ser "resolvida" por um manual de instrução ou por um componente específico da educação especial na graduação. O autor ainda nos provoca a refletir sobre a escola como um lugar de produção de conhecimento, mas a realidade que os professores enfrentam é marcada por uma sobrecarga e também pela precarização na profissão, motivo pelo qual inúmeras vezes o docente se isola em sua sala de aula.



Diante disto, observamos que a inclusão de alunos com deficiência vai para além de uma oficina ou aulas restringidas apenas a uma disciplina. As estratégias de ensino devem ser construídas em conjunto com as demais áreas do conhecimento. Além disso, a construção de estratégias carece de diálogo profissional, e as políticas de avaliações padronizadas acabam restringindo a possibilidade desse passo. Entretanto, ao analisarmos os resultados deste estudo percebe-se que a formação do professor para a inclusão de alunos com deficiência carece de embasamento maior, onde o professor passe a conhecer um pouco sobre a patologia do seu aluno.

Concordamos com Nóvoa (2022), e afirmamos que a inclusão não deve ser um peso burocrático, mas deve se tornar uma prática pedagógica viva, valorizando as trocas de conhecimento dentro do trabalho. Assim, vemos que a inclusão é um processo contínuo e coletivo, onde o professor não apenas inclui o aluno, mas reinventa a própria docência. Foi a partir desse ponto que entrelaçamos a teoria da inclusão com a realidade da sala de aula, onde trabalhamos com uma turma do 8º ano D vespertino, propondo a atividade de Futebol de cinco. Durante a realização da atividade, buscamos ir além do ensino de uma modalidade, o intuito era a materialização do conhecimento profissional docente como resposta de um desafio concreto. A partir disso, discutimos sobre como levar a inclusão para os alunos a partir do futebol de cinco, e esta discussão foi como um divisor de águas:

Neste momento, paramos de olhar para deficiência visual apenas como conceito ou teoria, encarando o desafio real. Quando silenciarmos o campo, a técnica tradicional de uma aula de Educação Física já não nos servia mais. Naquela aula, não tínhamos o aluno padrão e o aluno deficiente, tínhamos alunos reais postos na mesma condição (Cruz, 2026).

Precisamos ser intelectual da nossa própria prática, tivemos a missão de ler a turma, ajustar o espaço e realizar uma mediação do espaço. Afirmamos a partir desta experiência, que incluir alunos nas aulas de educação física, não é dar um "jeitinho" na aula, mas, reconstruir uma aula inteira a partir de uma nova realidade presente na nossa frente (Silva, 2026).

A intervenção pedagógica proposta foi realizada através da participação no PIBID, em uma turma composta por 25 alunos do 8º ano D vespertino do ensino fundamental das séries finais.

A proposta da aula aplicada (futebol de cinco) nos fez refletir que a inclusão, quando bem sistematizada e estruturada, passa a ser um princípio organizador da



aula e não apenas uma estratégia compensatória pensando em não deixar o aluno fora da aula proposta.

A realização da partida de Futebol de Cinco com os alunos revelou-se um divisor de águas na percepção sobre a deficiência. Ao serem privados da visão por meio das vendas, os estudantes foram submetidos a uma desterritorialização sensorial. A sensação inicial relatada pela maioria foi de vulnerabilidade e desorientação espacial, sentimentos que rapidamente deram lugar a uma aguçada percepção auditiva e tátil. Mas, mesmo diante desta sensação inicial, a atividade foi positiva, onde todos os alunos conseguiram realizar. Para que o jogo fluísse, foi necessário o silêncio, algo raro na turma, mas foi respeitado e alguns alunos pediram para que o silêncio fosse realizado. Os alunos compreenderam que, naquele contexto, o ruído era uma barreira e a voz do "chamador" era o único fio condutor da segurança. Houve um sucesso notável na quebra do estigma da incapacidade. Ao final da aula, a roda de conversa revelou que os alunos passaram a admirar a destreza dos atletas cegos, percebendo que a falta de um sentido potencializa outros e exige uma organização mental extremamente complexa. Ainda que tenhamos obtido resultados positivos, para as próximas atividades realizaremos uma progressão sensorial do espaço da atividade, rodízio de funções e inclusão de mais materiais adaptados além da bola.

A proposta interventiva a qual nos propomos realizar, promoveu uma reorganização da lógica dos esportes de invasão, distanciando-se das adaptações pontuais, onde não se modifica o que se ensina, mas sim como o aluno acessa ou demonstra o aprendizado. Este ponto de vista da concepção de inclusão é embasado teoricamente em Mantoan (2003), a autora defende que a escola inclusiva é aquela que para servir à diversidade transforma suas estruturas, desviando da adaptação do sujeito e focando no sistema. Os resultados indicaram também, ampliação no que diz respeito à forma de participação dos alunos, onde foram constatadas diferentes habilidades.

Ainda de acordo com os resultados obtidos, o futebol de cinco deixa de ser um jogo de disputas de espaço se tornando uma relação de confiança entre os praticantes. Paralelo a isso, concordamos com Parlebas (2001) quando nos leva a refletir que a audição e a fala não são apenas ferramentas de apoio, e sim uma rede de comunicação sociomotora. No futebol de cinco, o chamado do companheiro e o guizo da bola realizam um mapa compartilhado por meio da transformação no



silêncio da quadra, onde o movimento de um depende extremamente da voz do outro. Afirmamos ainda que, no futebol de cinco ocorre uma transição do olhar para o ouvir. Para esta transição queremos dizer que no futebol de cinco é ter empatia pelo outro. No futebol tradicional a visão permite o jogador ter autonomia onde conseguem ver a bola, o espaço e decidir qual próximo passo, diferente do futebol de cinco, essa autoridade de campo da visão é filtrada, ou seja, só é visto aquilo que o outro diz, por meio da orientação do chamador ou pelo som da bola.

Em relação ao professor, este possui um papel fundamental como mediador das interações e organização das experiências inclusivas, permitindo construção de situações pedagógicas formativas. A avaliação da atividade não era focada no desempenho técnico, mas, na comunicação, envolvimento no processo de aprendizagem e cooperação. Este processo é chamado por Mantoan (2003) de transformação estrutural da prática pedagógica.

Diante do exposto, acreditamos que a sistematização do futebol de cinco demonstra uma grande eficiência para reestruturar os esportes de invasão na Educação Física de forma pedagógica. A partir dessa proposta, a ideia de que o "rendimento é tudo" se finda quando o ambiente se torna mais acessível. Isso porque a cobrança do ser habilidoso diminui, e abre espaço para que outros alunos participem com maior efetividade, visto que, aqui o erro passa a ser visto como aprendizado e a colaboração dos integrantes substitui a exclusão por produtividade. Assim, o futebol de cinco é mais do que uma adaptação pedagógica, ele passa a ser um dispositivo pedagógico com capacidade de reorganizar o que chamamos de cultura esportiva escolar com princípios da inclusão e readaptação curricular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos os objetivos deste estudo e analisarmos os resultados obtidos durante o processo de intervenção, evidenciamos que a transição da revisão teórica para a prática pedagógica não apenas validou as hipóteses levantadas, mas a materialização da reorganização dos esportes de invasão com olhar inclusivo. Por meio da atividade aplicada, foi possível perceber que o saber jogar pensando nas habilidades individuais se transformou numa capacidade de escutar, guiar e confiar no outro. vale destacar que ao colocarmos os alunos em uma mesma condição de igualdade sensorial, a exclusão daqueles com menos habilidades deu lugar para a



participação efetiva de todos, onde o errar não era mais uma falha e sim parte do processo ao qual aqui chamamos de mapeamento do espaço ou processo de aprendizagem.

A realização da atividade nos confirmou a tese defendida por Nóvoa (2022) sobre o professor como produto de conhecimento. A intervenção nos provou que o processo de inclusão não é simples, e não se resolve seguindo manuais teóricos, mas fazendo uma leitura da turma e ajustando constantemente o espaço. Neste momento afirmamos a nossa reinvenção da docência com intuito de mediar o futebol de cinco, deixamos de ser uma reprodução de técnicas, nos tornando intelectuais da nossa própria prática, capazes de transformar o silêncio da quadra em uma rede de empatia e aprendizado.

Deste modo, pode-se concluir que o futebol de cinco foi um princípio organizador de uma Educação Física democrática, onde o direito de aprender e participar é garantido a todos, sem distinção de capacidades.

5 AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho tornou-se possível devido à colaboração e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- (CAPES) juntamente com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - (PIBID). Agradecemos pelo suporte financeiro e pela oportunidade de participar de programas tão importantes para o desenvolvimento da educação no Brasil. Suas iniciativas têm sido fundamentais para enriquecer nossa formação acadêmica e profissional. Agradecemos ao professor supervisor Diego dos Santos de Jesus pela orientação e acompanhamento e também à coordenadora Teresa Maria Bianchini de Quadros.



REFERÊNCIAS

Confederação Brasileira de Desportos para Cegos. **Futebol de Cegos**. Disponível em: <https://cpb.org.br/modalidades/futebol-de-cegos/> Acesso em: 26/02/2026

LAKATOS; MARCONI. **Fundamentos de metodologia científica** 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MANTOAN. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo. 1ª ed. Moderna , 2003.

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>

NÓVOA. Conhecimento profissional docente e formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, e270129, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/275/27570174088/> . Acesso em: 26/02/2026

PARLEBAS. **Jogos, esporte e sociedade: léxico de praxiologia motriz**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SILVA, CRUZ, TAFFAREL. Esportes de invasão e inclusão de deficientes visuais: promovendo a diversidade no futsal. **Anais do I Congresso Norte-Nordeste PIBID/PRP**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/107123>